

O rural na mídia impressa da Região Centro Serra, Rio Grande do Sul

Ezequiel REDIN¹
Emmanuel Vargas da COSTA²

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar e compreender o enfoque da principal mídia secundária impressa sobre o rural da Região Centro Serra, no Estado do Rio Grande do Sul. A região, potencialmente agrícola, destaca-se pela economia primária, com característica diversificada apresentando um destaque para a produção de fumo, milho, trigo, feijão, soja, pecuária de corte e leite e produtos derivados da agroindústria familiar e voltados o autoconsumo. Os procedimentos metodológicos para a construção deste artigo foram a revisão bibliográfica, a pesquisa de dados secundários, a análise de conteúdo e os critérios de noticiabilidade proposta por Erbolato (2006) analisados nas edições de novembro de 2012 do Jornal Gazeta da Serra, único meio de comunicação impresso e que circula semanalmente (toda sexta feira). Dentre os resultados que merecem destaque, identificam-se: a) as reportagens ligadas a famílias rurais assumem um caráter imprevisível, lúdico e curioso ou voltado a difusão de tecnologias (tradicionais ou inovadoras) relacionadas à produção agrícola, habitação e tabaco; b) o mês analisado identificou-se três critérios de noticiabilidade presentes relativos ao rural como a proximidade, o marco geográfico e o interesse humano; e, c) o processo do avanço das tecnologias de comunicação e informação no meio rural local impõe ao jornal uma condição de informação atrasada no tempo/espço, mas ainda constitui-se uma forma de legitimação, devido ao valor social creditado ao “papel” impresso.

Palavras-chave: Rural. Mídia Secundária Impressa. Região Centro Serra.

Introdução

O rural está em constante metamorfose, constitui um universo heterogêneo e, em função da última metade de século teve distintos fenômenos que recodificaram, transformaram ou simplesmente proporcionaram novas configurações na relação entre agricultor/terra, agricultor/trabalho, agricultor/tecnologia, agricultor/mercado,

¹ Doutorando em Extensão Rural (UFSM). Editor do Periódico Extensão Rural (Santa Maria). E-mail: ezequielredin@gmail.com

² Graduado em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo pela Universidade da Região da Campanha (2012).

agricultor/agentes de desenvolvimento, agricultor/sociabilidade, agricultor/acessibilidade, etc. Especificamente, o avanço das tecnologias de informação e comunicação no meio rural trouxeram novas dinâmicas para o espaço, agilizando a circulação de notícias, contatos e relações sociais, tanto para aspectos relativos à produção, quanto voltados para a sociabilidade, lazer e entretenimento.

Por outro lado, a caricatura do agricultor *atrasado*, aos poucos está se rompendo pela sua aproximação, comportamento e facilidade de deslocamento, comunicação e acesso a bens e serviços. A família rural, atualmente, possui condições econômicas para usufruir de compras mensais no supermercado e no comércio em geral, aquisição de tecnologias como celular, computadores e serviços de internet que o colocam em situação equiparável com as famílias urbanas, considerando cidades interioranas como é o caso da Região Centro Serra.

O objetivo deste trabalho é analisar e compreender o enfoque da principal mídia secundária impressa sobre o rural da Região Centro Serra, no Estado do Rio Grande do Sul. A escala territorial delimitada constitui o mesmo universo de abrangência do único meio de comunicação impresso e que circula semanalmente (toda sexta feira) no local, denominado Jornal Gazeta da Serra. A mídia secundária escrita, com sede no município de Sobradinho/RS, abrange notícias semanais de toda a região envolvendo quatro cadernos: capa, geral, regional e social. As atividades desta publicação iniciaram em 1975 com o nome de “Paladino Serrano”, sendo que em 1982 trocou o nome para “Jornal da Serra”. Em abril de 1984 foi adquirido pelo Grupo Gazeta de Comunicações chamando-se Jornal “Gazeta da Serra”, cujo designado até agora. Atualmente, sua circulação equivale registros de fatos e acontecimentos que acontecem de sábado a quinta feira no local. Com destaques, principalmente para os municípios de Sobradinho e Arroio do Tigre, cidades polos da região, o jornal possui uma equipe de editoração em Arroio do Tigre. Devido a importância deste último, o jornal abriu um suplemento na página 19, denominado de Gazeta Arroio do Tigre, que destaca as principais notícias e informações referentes a este município de interesse da sociedade. Para esta análise, a Região Centro Serra³ equivale aos municípios de Arroio do Tigre, Estrela Velha,

³ Para fins de contemplação de políticas públicas, o Estado Brasileiro acrescentou mais alguns municípios na Região Centro Serra como Cerro Branco e Salto do Jacuí. No entanto, para esta análise, estamos compreendendo a região sem estas cidades, como anteriormente era delimitado para coadunar com a escala de abrangência da mídia secundária escrita.

Ibarama, Jacuizinho, Lagoa Bonita do Sul, Lagoão, Passa Sete, Segredo, Sobradinho e Tunas.

Para compreender a interação entre as informações e a imagem que o jornal objetiva transmitir dos agricultores à sociedade regional, como passo inicial, registrou-se o material de análise que foi publicado no mês de novembro de 2012, por constituir um dos meses do ano que possuem matérias mais enfáticas sobre o rural, devido os preparativos para a colheita do feijão e tabaco, os principais produtos em termos econômicos da região. As edições analisadas no mês de novembro referem-se a publicação nos seguintes dias (01/11; 09/11; 16/11; 23/11). A primeira edição de novembro foi publicada na quinta feira. Como recurso metodológico, usa-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) que é um conjunto de técnicas de análise dos dados, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos, obter indicadores que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens. Além disso, sistematizamos os resultados segundo três critérios de noticiabilidade, elaborados por Erbolato (2006)⁴ e, que se apresentaram no caso estudado: a) proximidade; b) marco geográfico e c) interesse humano. A escolha dessa temática, justifica-se pelos poucos trabalhos relativos a comunicação rural e pouca ênfase do jornalismo nas abordagens rurais. Nesse sentido, ainda se acrescenta a afirmação alertada por Silveira, Freitas e Adamzuck (2002), expondo que o meio rural, dentro do contexto do Jornalismo especializado, vem sendo paulatinamente descaracterizado, e progressivamente tratado apenas pela perspectiva econômica, a qual consiste em conceder-lhe foco em temas de agropecuária, turismo rural e ecológico, e outros, ignorando-se a crônica de experiência humana e social que ampara esta perspectiva.

O trabalho está estruturado em seções. O primeiro passo trata de uma breve menção sobre as mídias e o desenvolvimento referenciando autores clássicos do rural e que coadunam com o debate da comunicação rural. Adiante, um rápido tópico sobre os enfoques temáticos rurais na mídia secundária regional. Avança-se, analisando e interpretando como o jornal de circulação regional “Gazeta da Serra” se posiciona em

⁴ Conforme trabalho de Erbolato (2006, p. 60-65), ao destacar a dificuldade na definição de notícia, ressalta que os jornais adotam critérios para selecionar assuntos que possam atrair leitores. Segundo o autor, as notícias, de modo geral, poderiam ser publicadas quando respeitados os seguintes critérios que, embora, não sejam unânimes, chegam a motivar o público. São eles: proximidade; impacto; proeminência (ou celebridade); aventura e conflito; consequências; humor; raridade; progresso; interesse pessoal; interesse humano; importância; rivalidade; utilidade; política editorial do jornal; oportunidade; dinheiro; originalidade; culto de heróis; descobertas e invenções; repercussão; e confidências.

relação a visibilidade do agricultor, as simbologias usadas, a existência ou não de dramaturgia, a historicidade do processo, a representação deles para a sociedade aliado com a análise dos critérios de noticiabilidade. Vale ainda mencionar que este trabalho caracteriza-se por transitar na multidisciplinarmente, entre a comunicação social e as ciências sociais rurais, ligadas a extensão e desenvolvimento rural. Por si só, já representa uma tentativa de articulação de saberes. Ao final, fazem-se apontamentos sobre o que a mídia secundária apresenta em detrimento do modo de vida das famílias rurais e sua racionalidade, enquanto ambos atores ativos na sociedade.

Mídia e desenvolvimento – o rural em cena

A mídia local em geral, estimulada pela repercussão da economia rural regional, apoia e fornece voz as lideranças do setor agropecuário antes, durante e, alguns casos, após o encerramento do ano agrícola, em outras palavras, estão em permanente atenção para os acontecimentos que envolvem o desenvolvimento rural. O jornal “Gazeta da Serra”, alvo de nossa análise, caracteriza-se com uma mídia secundária, na interpretação de Baitello Junior (2001). Na análise deste autor, existem três tipos de mídia, a saber: a) mídia primária: dada de forma presencial, demanda a presença de emissores e receptores em um mesmo espaço físico, configura-se como a mídia do presente; b) mídia secundária: os meios de comunicação levam a mensagem ao receptor, não necessitando um aparato para capturar o seus significados, como a escrita, a imagem, o impresso, a gravura, a fotografia, também em seus desdobramentos enquanto carta, panfleto, livro, revista e jornal; c) mídia terciária: meios de comunicação que não funcionam sem aparelhos, seja do lado do emissor, seja do lado do receptor (*apud* Pross, 1971).

A relação entre mídia e desenvolvimento rural é próxima e, em certa medida, funciona como um elo catalizador de interações e possíveis intervenções nos meios de vida das famílias agricultoras. Na última metade de século, Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, trouxe boas contribuições no campo da educação e no campo da extensão rural e desenvolvimento. No segundo campo destacou-se na década de 80 questionando sobre a forma de atuação do extensionista e as intervenções no rural, indicando uma abordagem hierárquica e *top-down*. A década de 80 foi o momento que a contribuição de Paulo Freire entra fortemente na discussão sobre a realidade da

Extensão Rural Brasileira. Nesse marco da história, o posicionamento do autor reflete em questionamentos na diferença entre extensão ou comunicação, pois partindo desse pressuposto, Freire (2002, p.69) propõe: “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados”. Nesse contexto, Freire diferencia comunicar de fazer extensão e norteia as definições, dizendo que o conceito de extensão, nada mais é que estender um conhecimento técnico até os agricultores. Pela visão desse autor, observa-se o equívoco do conceito adotado até o momento. Assim, argumenta que o mais plausível deveria ser a comunicação eficiente, pois somente desse modo os técnicos da área poderão exercer, com êxito, o seu trabalho, que será co-participado pelos agricultores.

A crítica de Freire é justamente defender o ato de comunicar em vez de “fazer extensão”, ou seja, é necessário um processo de diálogo entre os sujeitos (técnicos e agricultores). Nessa correlação, o jornal impresso não possibilitaria essa conversação, pois somente, estende a informação dos agentes de desenvolvimento, sendo necessário o agricultor avaliar de forma isolada sua veracidade ou aplicabilidade, quando este último possui condições (informações, disponibilidade, acesso, formação, etc) para esta análise. Nessa proposição, Callou (2007, p. 180) alerta: “as estratégias de comunicação embutidas nas metodologias participativas, ou em qualquer outra metodologia para ação extensionista, são produtoras de informações e sentidos. Não são neutras”.

As coordenadas que acenavam ou ainda acenam ao desenvolvimento apontam por diferentes perspectivas e compreensões e por uma condição *sine qua non* no rural brasileiro. Uma forte e renomada linha intelectual orientada por investigadores dedicados a temática rural, guiados pela busca do “novo”, constataram virtudes além do ato de produzir, apontando para distintas funcionalidades nativas do espaço rural. José Graziano da Silva, por exemplo, no trabalho sobre o “Novo Rural Brasileiro” publicado em 2000, assinala que a agricultura associou-se de tal forma à economia a ponto de não mais poder ser separada dos setores que lhe fornecem insumos e/ou compram os seus produtos. O urbano passou a ser identificado como o “novo”, com o progresso capitalista das fábricas; e os rurais ou a classe dos proprietários rurais o foram firmados como velho e como o atraso no sentido de que procuraram impedir o progresso das forças sociais.

No entanto, o autor sustenta que o diagnóstico neoclássico remetendo que os agricultores eram pobres, mas eficientes, ou seja, o problema não estava no uso dos fatores de produção disponíveis, mas que os fatores disponíveis não propiciavam o retorno necessário para superar a condição de pobreza em que viviam. Nesse sentido, o *part-time* é uma pluriatividade que combina atividades agrícolas e não-agrícolas. A pesquisa nessa direção, destaca que o meio rural ganhou novas funções e novos tipos de ocupação: a) propiciar lazer nos feriados e fins de semana; b) dar moradia a um segmento crescente da classe média alta; c) desenvolver atividades de preservação e conservação que propiciem o surgimento do eco-turismo; d) abrigar um conjunto de profissões tipicamente urbanas que estão se proliferando no meio rural. A conclusão, deste estudo, Graziano da Silva (2000), aponta que já não se pode assinalar o meio rural brasileiro exclusivamente como agrário.

Essa possível “evolução” no rural, em certa medida, é relacionada ao processo de globalização. Resolver o truísmo sobre a “melhor” abordagem do desenvolvimento é complicado, sem dúvida, um tema deveras amplo e, ademais, complexo. A abordagem da globalização surgiu como um “novo” marco para compreender o progresso, sendo que está calcado, grosso modo, no viés do igual, da padronização, o que implica diretamente na questão local e cultural. Em certa medida, a concepção norteadora do global deveria pressentir e respeitar as racionalidades internas e não buscar o máximo de uniformização seja em termos de economia, de identidade, de reprodução social, entre outras. Nesse sentido, Featherstone (1996) destaca importância dos processos comunicativos na sustentação da cultura e menciona a nação enquanto comunidade, onde reitera que o lugar é simbólico no sentido de que pode ser um espaço geograficamente delimitado, sedimentado com sentimentos simbólicos. A situação global contemporânea é a capacidade de deslocar a moldura, de mover-se em vários focos, de lidar com um leque de material simbólico, onde várias identidades podem ser formadas e reformadas em situações diferentes.

A globalização, em especial, com o avanço das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) no rural, provocaram transformações nas relações sociais, nos meios de transmissão de informação, interação, reaproximação e feedback instantâneos dos leitores. O jornal ainda perdura nesse processo, com suas características de apresentação e legitimidade inatas a sua tradição na imprensa. Sofreram modificações como a adoção de portais digitais, necessitando readaptar-se a sociedade da informação, no entanto,

ainda mantém seu formato impresso, o que ainda, em certa medida, o diferencia das matérias digitais e, grosso modo, descartáveis com apenas um “clique”. Nesse sentido, as mídias configuram-se com importantes interlocutores da transmissão de informações pelos agentes de desenvolvimento (técnicos da extensão rural, secretários da agricultura, gestores públicos municipais, entre outros).

Os enfoques temáticos rurais na mídia secundária regional

A comunicação rural implica, em certa medida, na transmissão ou veiculação de informações acumuladas no segmento comunicacional, produzido e editado em meios e grandes centros urbanos. De modo geral, os profissionais transitam por temas desconhecidos de sua formação base, navegando por um campo multidisciplinar do conhecimento, de formação generalista. Em alguns casos, essa característica alude a informações questionáveis ou tendenciosas. O desconhecimento implica creditar informações que vinculem, principalmente, a questão econômica como foco central para a sociedade. Tal escolha remete a pautar-se, principalmente, por instituições privadas que comercializam sua marca como provedor do “desenvolvimento”. De fato, isso é corriqueiro nos canais midiáticos.

As relações estabelecidas no rural, os meios de vida, as racionalidades não estritamente econômicas, as formas de reciprocidade e tantas outras lógicas e escolhas vivenciais das famílias rurais são, de fato, pouco analisadas pelos meios de comunicação, que retratam diariamente uma já desgastada reprodução discursiva vinculada a fontes oficiais. A perdurar a histórica ausência, omissão ou rejeição de debates a respeito do mundo rural brasileiro nas mídias, sustenta-se negá-lo em sua capacidade de contribuir para as transformações sociais, contributo básico, para o aprimoramento técnico e desenvolvimento em suas múltiplas dimensões.

As características ligadas à colonização, aspectos culturais, históricos e socioeconômicos, fortalecem ou indicam formas de regionalização da produção de conteúdos. A região Centro Serra possui famílias, em grande parte, descendentes de colonos alemães e italianos, o que oferece uma característica singular em relação a racionalidades, comportamentos, costumes e relações sociais em geral. Diante dessa ressalva, o foco da mídia impressa, discutida nesse trabalho, que vincula um território eminentemente de economia primária, parece destoar um pouco quando analisamos suas

inserções midiáticas. A tabela a seguir demonstra a quantidade de matérias com uma abordagem da temática rural no jornal Gazeta da Serra, edição de Novembro de 2012.

Tabela 01 – Temas veiculados no mês de novembro de 2012 no Jornal Gazeta da Serra

Tabela de temas abordados			
Temas	Quantidade de matérias	% Total (18 matérias)	% Total (155 matérias)
Produção Agrícola	4	22,2%	2,58%
Habitação	3	16,6%	1,93%
Tabaco	2	11,1%	1,29%
Animais	2	11,1%	1,29%
Educação	2	11,1%	1,29%
Violência	2	11,1%	1,29%
Esporte	1	5,5%	0,65%
Clima/Tempo	1	5,5%	0,65%
Festividades	1	5,5%	0,65%
TOTAL	18	100%	11,61%

Fonte: Elaborado pelos autores

No constructo, como se observa, existem no total de dezoito (18) matérias e/ ou reportagens sobre a temática rural, entre as quais se destaca: produção agrícola, habitação, tabaco, animais, educação e violência. A desigualdade verificada entre as matérias (unidade de análise) apresenta-se como uma disfunção das características regionais. A produção de sentido em temas não estritamente ligados ao cotidiano das famílias rurais provoca na sociedade local uma construção de sentidos análoga a centros urbanos onde o foco são os serviços, a indústria ou o ensino. A mídia trabalha, em alguns casos, com possibilidades, projetos futuros, acordos públicos, esclarecimentos administrativos, publicidade, encartes, enfoques ligando ao “status” ou a glamourização da sociedade local. Constatação evidenciada, quando as cinco edições do jornal Gazeta da Serra totalizaram 155 (cento e cinquenta e cinco) matérias e/ ou reportagens em suas publicações, sendo que 11,61% é a quantidade de notícias que abordam a especificidade da questão rural.

A visibilidade do agricultor

Em cinco edições analisadas do jornal Gazeta da Serra do mês de Novembro de 2012, o semanário apresentou dezoito matérias sobre a temática rural. O jornal não apresenta editoria específica para o tema, independente da atuação numa região

estritamente vinculada ao setor primário de produção, envolvendo forte atuação da agricultura familiar. Em sua composição editorial inclui: editoria Geral, onde se encontra grande parte das notícias do jornal, editoria de Esporte, Regional e a editoria social, esta última, portanto, sugerindo determinada incongruência em comparação a maioria dos jornais regionais, pois em média, nas edições estudadas contém nove (9) páginas destinadas a coluna social, na sua maioria com fotografias de eventos. Apresentando, por conseguinte, um recinto informativo direcionado a organizações de espaços sociais, enfocando aspectos ligados a forma do “ter” social remetendo ao estilo de vida consumista guiado pelo capital (mesmo em regiões interioranas, como é o caso), quando aponta para questões de moda, tendências, beleza e glamour de seu público. Essa ostentação capitalista gerada pelo homem ao homem figura-se como cativo do comportamento, gerando sintomas e anomalias na sociedade local. Assim, essa conduta social começa a ficar ofuscada quando sentimentos de incapacidade do indivíduo aparecem ao se “falhar” na busca desse projeto. Assim sendo, sentimentos de tristeza, agonia, frustração e inferioridade provocam instabilidades emocionais nas pessoas do rural, creditando sua possível ineficácia em constituir uma boa renda e atender aos padrões de consumo largamente midiáticos pela imprensa local, regional, nacional ou mundial.

Por outro lado, os temas relativos ao rural aparecem de forma singela, ainda remetendo a figura de agricultores (com chapéu, roupas depreciadas e expressões caricaturais do trabalho pesado ou de sua exposição solar). Portanto, algumas indicações ainda remetem a imagens, símbolos e caricaturas de um tempo em que a atividade agrícola era considerada atrasada, que as famílias rurais tinham menos acesso a informações, menos desenvolvidas economicamente e intelectualmente. São valores vinculados a um passado recente imbuídos em sua trajetória, mas que as ações da última metade de século têm tratado desmistificar essa visão depreciativa e descompassada das famílias rurais. Essa atribuição de valores, ainda presentes, também vincula-se a questão do “colono”, tratado agora de “agricultor familiar” pelas políticas de desenvolvimento. Em certa medida, existe uma crise de identidade, mas que, ainda existem resquícios, aflorados pelas reportagens veiculadas no jornal.

Deste modo, o agricultor tem pouca voz no periódico. Redin e Silveira (2011) constatam que essa invisibilidade construída do camponês está ligada a um processo histórico, sendo que, em conjunto com a incompreensão da condição camponesa na

atualidade, têm consequências graves sobre os arcabouços analíticos do espaço rural e da forma de ação do sistema alimentar industrial em seu percurso de subordinar a agricultura e os agricultores a sua lógica de valorização do capital. Para os autores, a condição camponesa não é um “conjunto de dimensões que explicam a negação à modernização ou à globalização alimentar, mas sim, um conjunto de aspectos que credenciam os camponeses de hoje a perspectivarem a agricultura de amanhã” (REDIN e SILVEIRA, 2011, p. 26).

Retomando a análise, verifica-se que nas matérias que abordam o meio rural e seus respectivos representantes, vem coligadas apresentando-se informações de fontes oficiais em ampla quantidade. Se por um lado, isso demonstra credibilidade na notícia fornecendo graus de confiabilidade ao público leitor, por outro, como na análise de Pena (2008, p. 62), ele entende que: “as fontes oficiais são sempre as mais tendenciosas. Têm interesses a preservar, informações a esconder e beneficiam-se da própria lógica do poder que as colocam na clássica condição de *Instituição*. Governo, institutos, empresas, associações e de demais organizações estão nessa categoria”. Nesse debate interminável vertendo para a credibilidade das informações, deparamos como a possibilidade de usar das duas perspectivas: as fontes consideradas seguras e oficiais e aquelas vinculadas ao fato social empírico. Isso não equivale atingir uma informação exata, mas, ao menos, mais próxima da realidade possível.

De outro modo, em sua maioria, evocam representantes legitimados socialmente para reportagens ou informações a fim de compor a pauta semanal. Esta conduta equivale prezar pela segurança da informação, no entanto, por outro lado, exime-se de fornecer voz aos outros integrantes que constituem o grupo social. Nesse sentido, a matéria da edição do dia 1º de novembro, do Jornal Gazeta da Serra, no Suplemento “Gazeta Arroio do Tigre”, na página 16, sob o título “Jovens do município vencem Gincana Rural” onde o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, é o único entrevistado, sendo que, era um grupo composto por trinta e seis jovens.

Segundo o presidente do STR, Alceu Mergen, os jovens participaram de provas as quais somavam pontos e exigiam conhecimentos do meio rural e do circuito agrícola (força e habilidade). ‘Foi muito divertido. Algumas provas apenas nós conseguimos realizar’, disse Mergen lembrando da confraternização entre os outros municípios e a importante palestra que abordou a auto-estima (sic) dos jovens. (Jornal Gazeta da Serra, 01 de novembro de 2013, p. 16). [grifo nosso].

Em relação às fontes individual/independente que pode ser uma pessoa comum, uma personalidade política, cultural, artística ou um profissional liberal, desde que não fale por uma organização ou grupo social (SHMITZ, 2010) é realizada, em certa medida, de forma destoada. A utilização de fontes individual/independente faz que as informações tenham credibilidade, pois o “agricultor”, por exemplo, vivência a “situação”, conseqüentemente poder-se-ia induzir certo crédito para “discorrer” e emitir opinião, excetuando estratégias discursivas. Esse fato pode ser observado na matéria em formato de Box⁵, na página 21, intitulada de –“Curiosidade - Animal nasce com duas patas em cada pé”.

José Hehrke, 60 anos, morador do bairro Santa Fé, em Arroio do Tigre trouxe à Gazeta da Serra a foto de um fato inusitado na propriedade do primo Osmar Jeggli, de São Luís, Estrela Velha. Trata-se de um terneiro, vermelho e da raça Zebu. Ele tinha um problema nas patas traseiras, com duas patas em cada pé. ‘Com dois rodados, que conheço, é caminhão truck. A vaca, mesmo sem dinheiro, gerou um truck’, brincou o aposentado. **Ele disse ainda que quem chegava na (sic) propriedade achava estranho e ia até o poteiro para ver o animal. ‘É o primeiro caso que vi na minha vida’, disse José.** Na foto o terneiro tinha cerca de três meses. Hoje o animal já foi abatido. (Gazeta da Serra, 23 de novembro de 2012, p.21). [grifo nosso].

Nesse sentido, a reportagem remete a uma situação não convencional vivenciada pelo agricultor. Usa de termos ligados à ruralidade presente e ao fato, relacionado a questões inusitadas do meio rural. Em certa medida, as reportagens ligadas ao interior ganham destaque quando se configuram sobre fenômenos imprevisíveis, diferentes, curiosos ou tratam de algo pouco comum. Os fatos cotidianos, considerados nessa perspectiva de caráter “normal”, pouco tem destaque nesta publicação.

Crítérios de noticiabilidade

Os critérios de noticiabilidade compõem a essência do jornalismo, sendo por meio destes que são tomadas as decisões de quais notícias são publicadas. Conforme Schmitz (2010) a teoria que envolve os critérios de noticiabilidade foi constituída sob uma lógica particular, em outra ordem espaço-temporal da sociedade. Nesse sentido, o jornal impresso organizado por repórteres e editores é um sistema que se coloca em função de critérios de notícia. Os estudos de Erbolato (2006) sobre os critérios de

⁵ Material adicional usado em uma matéria. Serve para destacar uma parte do tema ou para dar explicações adicionais ao leitor

noticiabilidade servem aqui como uma lente reivindicatória para análise do caso, pois são concebidos especificamente sobre a lógica do jornal impresso. Segundo o autor, a informação significa a descrição dos fatos. Interpretação é a superdefinição dos fatos. Opinião dá ideias, apoiadas em conclusões pessoais, a respeito dos mesmos fatos. Para o autor, reportagem seria interpretação. Outro fator relevante é o modo de seleção das notícias das empresas jornalísticas, em outras palavras, Erbolato (2006, p.59): “Cada uma delas tem seus critérios e preferências por determinados assuntos”.

Nesse sentido, sistematizamos os resultados segundo três critérios de noticiabilidade, elaborados por Erbolato (2006) e, que se apresentaram no caso estudado: a) proximidade: é a divulgação dos fatos que ocorrem perto do leitor e a ele ligados; b) marco geográfico: se refere a notícia e não o de sua procedência; e, c) interesse humano: todo acontecimento que possa despertar interesse no outro seja pela similaridade do fato com a vida do próprio receptor, seja porque ele se vê no lugar do objeto da notícia. São detalhados os fatos e sentimentos das pessoas envolvidas, segundo Erbolato (2006).

A presença do critério de *proximidade* é explicável pela periodicidade do jornal (semanário) e a sua circulação (regional). Segundo Erbolato (2006) é o que ocorre mais próximo ao público, mesmo que tenha uma dimensão menor, pode gerar um interesse e até um impacto maior. Como se apresenta, por exemplo, na matéria “Secretaria da Agricultura entrega 15 mil alevinos”.

Em continuidade ao Programa de Incentivo à Piscicultura, **foram entregues na manhã de terça-feira, 20, no saguão da Prefeitura de Sobradinho**, os primeiros lotes de alevinos para os produtores beneficiados com a construção de micro-açudes, visando a produção de peixes de forma organizada e integrada à Agroindústria Braspeixe. Nessa primeira etapa, foram entregues em torno de 15 mil alevinos, das quatro espécies de carpas, jundiá e tilápia, para 25 produtores, que terão assistência técnica da Emater, desde o processo de alevinagem, manejo de produção e monitoramento do desenvolvimento. (Gazeta da Serra, 23 de novembro de 2012, p.14). [**grifo nosso**].

Outro critério, que se configura como relevante, e chama à atenção para um jornal semanal é o critério de *marco geográfico*, aquele que se refere ao assunto da notícia e não de sua origem. Como, por exemplo, na matéria sobre COP 5, sob o título “Deputados apresentam reivindicações da fumicultura para chefe da delegação brasileira”.

Evento se estende até este final de semana em Seul, na Coreia do Sul.

Os deputados gaúchos que participam da comitiva de lideranças do setor da fumicultura do Rio Grande do Sul e Santa Catarina na COP5, em Seul, **na Coreia do Sul**, foram recebidos nesta quarta-feira, 14, pelo chefe da delegação brasileira no encontro, Sérgio Lebedeff. (Gazeta da Serra, 16 de novembro de 2013, p.12). [grifo nosso].

A violência no meio rural também foi questão para reportagem no referido jornal, utilizando o critério *interesse humano* para delinear o caso ocorrido no interior de Arroio do Tigre. Portanto, o critério foi empregado de forma parcial, pois na matéria à fonte - vítima da violência, não tem suas palavras referenciadas. Sob o título “Três tiros para conquistar a *liberdade*” à reportagem apenas detalha os fatos, porém não expusera sentimentos de pessoas envolvidas, como teoriza Erbolato (2006).

No dia 10 de setembro de 2011, em Sítio Baixo, Arroio do Tigre, Lizane e o marido Lodário, **ambos agricultores, acordaram cedo e foram tomar chimarrão**. Um dia comum. Se preparavam para levar o único filho à casa da avó. Mas esta não era a vontade do marido. Antes de saírem, quando o menino foi abrir o portão, Lodário chamou a esposa para perguntar se ela estava tomando remédios. **Ela afirmou que sim e começava, por motivo fútil, uma discussão. De acordo com depoimento prestado por Lizane, alterado o agricultor pegou a faca de pão que estava em cima da mesa, a puxou e começou a cortar seu cabelo**. Com violência, bateu a cabeça dela na parede e cortou seu braço. (Gazeta da Serra, 23 de novembro de 2012, p.16). [grifo nosso]

Nessa menção, verifica-se novamente um fato inusitado abordado pelo jornal no meio rural. De outro lado, aponta-se que a opção de apenas relatar os fatos é uma estratégia amplamente utilizada nas mídias de massa, evitando trazer tendências a uma investigação que, posteriormente, será julgada pela justiça. Em certa medida, o jornal exime-se de tendenciar ou explorar uma dramatização dos sujeitos envolvidos, excetuando-se o título que advoga a favor da agricultora.

Considerações finais

Na sociedade da informação em tempo real, o jornal configura-se como um meio de informação atrasado, mas legitimador de fato, catalizador de status e glamourização da sociedade local quando remetida ao quadro social do jornal, independente se composta de rural ou urbano. Nesse local, essa ‘coisificação’ não se distingue, pois a sua presença denota importantes figuras na região ou, em menor expressão, potenciais lideranças ou pessoas que integram espaços de sociabilidade. A velocidade de

distribuição é baixa, de publicação semanal, conforma-se como uma difusão de notícias do passado, já midiaticamente veiculadas em portais de sites regionais, rádios ou televisão. A mídia estudada tem interessante potencial de universalização local, não sendo um meio elitista, pois sua aquisição é razoavelmente baixa (a assinatura anual fica em torno de R\$ 110,00).

A mídia secundária impressa utiliza de distintos percursos semânticos. Via de regra, preza pela legitimidade da informação e busca coerência em suas inserções. De outro lado, recorre a uma estratégica hegemônica na sociedade da informação a respeito da busca de legitimidade reconhecida como órgãos oficiais e representantes legais, o que exclui ou precariza a voz das famílias rurais. Esta suposta invisibilidade na sociedade local somente é sobreposta na importância econômica da atividade do tabaco que os inserem como agentes interativos da economia. A vida local, os saberes, as gerações, as formas de reciprocidade e outras relações não estritamente econômicas circunscritas no meio rural ganham pouca ênfase.

A pouca preeminência de reportagens ligadas ao rural do Centro Serra com foco no agricultor evidencia algumas constatações: a) as reportagens ligadas a famílias rurais assumem um caráter imprevisível, lúdico e curioso ou voltado à difusão de tecnologias (tradicionais ou inovadoras) relacionadas à produção agrícola, habitação e tabaco; b) o mês analisado identificou-se três critérios de noticiabilidade presentes relativos ao rural como a proximidade, o marco geográfico e o interesse humano; c) o processo do avanço das tecnologias de comunicação e informação no meio rural local impõe ao jornal uma condição de informação atrasada no tempo/espaço, mas ainda constitui-se uma forma de legitimação, devido ao valor social creditado ao “papel” impresso.

A mídia estudada ainda remete a uma hierarquização social ligada especialmente a hegemonia econômica e a tradição familiar na região. De maneira explícita ou implícita, discursos hegemônicos estão presentes e também a presença em colunas sociais transmite certa predominância em relação aos campos dominantes locais. O rural, em especial as famílias agricultoras, mesmo delegadas sua importância, tem destaque marginal na mídia impressa.

Referências

BAITELLO JUNIOR, N. **O tempo lento e o espaço nulo**. Mídia primária, secundária e terciária. 2001. Disponível em: <

<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/tempolento.pdf>>. Acesso em 10 de Mai. de 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Edições 70 LDA, 1977.

CALLOU, A. B. F. Extensão Rural no Brasil: da modernização ao desenvolvimento local. **Revue uniRcoop**, v. 5, p. 164-183, 2007.

ERBOLATO, M. L.. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed., 7ª impressão, São Paulo: Editora Ática, 2006.

FEATHERSTONE, M. Localismo, globalismo e identidade cultural. **Revista sociedade e Estado**, v11, n1, p. 09-42, jan. / jun. 1996.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GRAZIANO DA SILVA, J. O novo Rural Brasileiro. **Revista debates ambientais**, CEDEC - São Paulo/SP, 2000.

JORNAL GAZETA DA SERRA. **Novembro de 2012**. Disponível em: <<http://www.gaz.com.br/gazetadaserra/edicao/anteriores/mes:11/ano:2012/edicao:2013-02-01.html>>. Acesso em 17 de mar. de 2013.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo. Editora Contexto. 2005.

REDIN, E.; SILVEIRA, P. R. C. A condição camponesa revisitada: transformações e permanências. **Revista isegoria**: Minas Gerais, UFV, v. 01, n. 01, mar/ago 2011, p. 01-28. Disponível em: http://www.isegoria.ufv.br/Redin%20e%20Silveira_A%20condio%20camponesa%20revisitada.pdf.

SILVEIRA, A. C. M.; FREITAS, G. P.; ADAMZUCK, L. Da Campanha ao *agribusiness*. Jornalismo especializado no meio rural.. In: VI Congresso de ALAIC, 2002, Santa Cruz de la Sierra. **Anales del VI Congreso de ALAIC**. Santa Cruz de la Sierra, 2002.

SCHMITZ, A. A. **As fontes nas teorias do jornalismo**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul- RS, 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0779-1.pdf> >. Acesso em 02 de abril de 2013.